

A RELAÇÃO ENTRE TRABALHO E ALCOOLISMO: CONTRIBUIÇÕES SOBRE O ESTADO DA ARTE¹

The Relationship Between Alcoholism and Work: Contributions on the State of the Art

Le Rapport entre l'Alcoolisme et le Travail: Les Contributions sur l'État de l'Art

La Relación entre Alcoholismo y Trabajo: Contribuciones al Estado del Arte

Kelma Jaqueline Soares²

Assistente Social pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Política Social pelo Programa de Pós-Graduação em Política Social da UnB. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações (PSTO) da UnB.

Mário César Ferreira³

Psicólogo do trabalho, Doutor pela École Pratique des Hautes Études (EPHE, França), com pós-doutorado Université Paris 1 Sorbonne (França) em Ergonomia da Atividade Aplicada à Qualidade de Vida no Trabalho. Professor no Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB) e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações (PPG-PSTO) do Instituto de Psicologia. Área de especialização: Psicologia do Trabalho, Ergonomia da Atividade.

RESUMO

O objetivo deste artigo foi identificar o que dizem os artigos científicos brasileiros dos últimos 20 anos acerca da relação trabalho e alcoolismo. Para tanto, foram realizadas buscas na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), na base Scopus, no portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) e no Portal de Periódicos da Capes. O número de artigos rastreados foi $n = 118$, e o total de 18 artigos foi selecionado para passar pela análise das características bibliométricas e de conteúdo. Observou-se predominância de estudos empíricos. Quanto ao conteúdo, identificou-se uma polarização: aqueles artigos que centralizam o papel do trabalho nesse processo de adoecimento e aqueles que focalizam a atenção no nível do indivíduo.

Palavras-chave: trabalho; álcool; saúde dos trabalhadores; revisão de literatura.

ABSTRACT

This article aimed to identify what the Brazilian's scientific articles, published in the last 20 years, say about the relation between alcoholism and work. In order to achieve that purpose, this production surveyed Virtual Health Library (VHL), Scopus databases, electronic periodicals in psychology portal (PePSIC) and Capes Journal. A total of 118 articles were detected, having been selected 18 articles to be analyzed through bibliometric and content criteria. As a result, the predominance of empirical studies was observed. The content's analysis revealed a polarization: on the one hand, the articles that centralize the work's contribution in this process of illness and, on the other hand, those that focus the discussion as an individual problem.

¹ Agradecimento: Companhia Imobiliária de Brasília (TERRACAP). Licença capacitação para a autora. Período: dez. 2016 – mar. 2019

² kelmajaque@gmail.com

³ ferreiramariocesar@gmail.com

Keywords: work; alcohol; workers' health; literature review.

RÉSUMÉ

L'objectif de l'article est de faire un bilan des articles scientifiques, depuis les années 1997, sur le rapport entre le travail et l'alcoolisme. Ont été consultés les bases des données: Bibliothèque Virtuelle de la Santé (BVS), Scopus, périodiques électroniques en psychologie (PePSIC) et Capes Journal. Ont été identifier 118 articles et seulement 18 articles ont été retenus pour l'analyse des traits bibliométriques et aussi de contenu. La principale caractéristique des articles est leur nature d'études empiriques. Une polarisation est apparue: d'une part, les recherches que met l'accent sur le rôle du travail dans le processus de devenir malade et, d'autre part, celles que focalisent le rapport l'alcool et le travail sur la responsabilité de l'individu.

Mots-clés: travail; alcool; santé des travailleurs; revue bibliographique.

RESUMEN

Este artículo tuvo como objetivo conocer las discusiones sobre la relación entre trabajo y alcoholismo de los artículos científicos brasileños publicados en los últimos 20 años. Para ello se realizaron búsquedas en la Biblioteca Virtual de Salud (BVS), en la base de datos Scopus, en el portal electrónico de publicaciones periódicas en Psicología (PePSIC) y en el sitio de periódicos de la Capes. Fueron identificados 118 artículos, de los cuales 18 fueron seleccionados para análisis mediante criterios bibliométricos y de contenido. Como resultado, los estudios empíricos fueron predominantes. El análisis del contenido demostró una polarización: por un lado, los artículos que centran la contribución del trabajo en el proceso de enfermedad y, por otro lado, los que ubican la discusión como un problema individual.

Palabras clave: trabajo; alcohol; salud de los trabajadores; revisión de la literatura.

INTRODUÇÃO

O álcool é considerado uma das substâncias psicoativas mais consumidas no mundo. Até o século XVII, tanto a produção quanto o consumo de álcool assumiam características mais “caseiras”. No século XX, no contexto de expansão industrial, intensifica-se a comercialização de bebidas alcoólicas e começam a ser observados os impactos do uso em grande escala para a saúde pública (Jaffe, 1993). A ampla produção industrial, a venda lícita, o baixo preço de venda, a vasta aceitação social e os distintos papéis sociais assumidos (anestésico, relaxante, eufórico) tornam o álcool uma substância popular e com alto padrão de uso (Neves, 2004). Entretanto, a questão que se coloca ainda sem resposta é: por que, para alguns sujeitos, o consumo de álcool não apresenta efeitos da perda da liberdade do beber (Fouquet citado por Karam, 2003), mas apresenta para outros sujeitos, que não só perderão essa liberdade, mas também serão vistos na condição de “tratáveis”?

Longe de responder a essa questão,

o que se objetivou neste artigo foi identificar o que dizem os artigos científicos brasileiros publicados nos últimos 20 anos acerca da relação trabalho e alcoolismo. A escolha pela dimensão do trabalho, na caracterização dessa produção científica, revela um posicionamento epistemológico. Nosso entendimento sobre trabalho considera-o enquanto uma mútua ação transformadora: transformação dos próprios seres humanos e do espaço social onde estes se inserem. Por essa perspectiva teórica, o trabalho assume, entre várias dimensões, a de ser omnilateral, o que indica a completude entre o homem, o trabalho executado e a sua própria existência em uma tônica de superação da alienação (Ribeiro & Léda, 2004).

Entretanto, no contexto de reestruturação produtiva e de precarização estrutural (Antunes, 2015), o trabalho revela-se, em grande medida, como fonte de adoecimento, mal-estar e suicídio para os trabalhadores. As unidades de contrários (trabalho como fonte de existência humana e como fonte de adoecimento) assumem uma polarização que coloca desafios de

ordem teórica e metodológica para pesquisadores, gestores e trabalhadores que lidam com essa contradição. O uso de álcool, relacionado ao contexto de trabalho, situa-se em uma “via dupla”: de um lado, o consumo de álcool como o “combustível” (Fontaine, 2006, p. 32) para que esse trabalhador consiga enfrentar esse cenário de exigências e manter-se produtivo; de outro, o abuso de álcool como fonte dispendiosa para as organizações: absenteísmo, acidentes, queda de produtividade, erros, retrabalho, aposentadoria precoce, entre outros prejuízos, conforme ressalta a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2014).

Mesmo ciente das polissêmicas definições sobre a relação entre o uso de álcool e o trabalho, buscou-se construir este levantamento sobre o estado da arte a fim de evidenciar as lacunas existentes nesse tema de produção científica. É preciso ressaltar que outros artigos já apresentaram revisões sistemáticas ou de literatura sobre esse assunto (Ferreira e Sartes, 2015; Félix Junior, Schlindwein e Calheiros, 2016). Contudo, essas publicações tiveram objetivos e escopos diferentes do proposto neste artigo.

No caso de Ferreira e Sartes (2015), o foco analítico esteve na localização de relatos (em português, inglês e espanhol) que destacassem a intervenção no ambiente de trabalho. Após recuperarem o total de 549 artigos, chegaram ao número de 97 selecionados, e o total de 10 artigos passou pela análise de conteúdo. Já a pesquisa realizada por Félix Junior et al. (2016) centrou o olhar nas publicações no campo da psicologia organizacional e no uso de substâncias psicoativas em geral (não apenas álcool) e constatou que alguns dos estudos na área apresentam fatores do trabalho que se relacionam com o uso dessas substâncias.

A publicação de Webb, Shakeshaft, Sanson-Fisher e Havard (2009) retomou artigos em inglês sobre o tema. Foram localizados 561 artigos no geral e, após aplicação de critérios, selecionaram e

analisaram o total de 10 artigos que tratam de intervenções realizadas no ambiente organizacional. Esses autores sintetizam que as pesquisas empíricas (ensaios clínicos e outros) não reúnem evidências de validade e apresentam vieses de seleção da amostra e ambiguidade conceitual, o que gera, segundo as autoras, dificuldade para a realização de meta-análises nessa área, assim como desafios para obtenção de evidências que justifiquem ações organizacionais sobre esse tema.

Diferentemente do que foi realizado por Ferreira e Sartes (2015) e Webb et al. (2009), neste artigo não houve o propósito de focalizar as publicações que se referem às intervenções organizacionais. O objetivo maior foi localizar e analisar os artigos científicos brasileiros sobre a relação trabalho e uso de álcool, identificar as suas características e indicar agenda de pesquisa. Serão destacados neste também alguns resultados de natureza bibliométrica com a proposta de oferecer um panorama dessas produções e, posteriormente, será apresentada a análise de conteúdo quanto aos artigos selecionados.

Método

Foram realizadas buscas nas bases *on-line*: Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Scopus no portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) e no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Mesmo ciente de que o portal PePSIC também está na base da BVS, optou-se por uma busca específica neste. O motivo para isso foi a constatação de que o PePSIC é uma importante fonte de buscas para a área da Psicologia no Brasil. O Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) foi incluído na pesquisa por entender que se trata de importante biblioteca virtual, que reúne 134 bases e permite a realização de pesquisas integradas nessas distintas bases.

O critério de escolha pelas BVS e Scopus foi a abrangência da indexação de temas e artigos dessas bases. A recuperação de produções na BVS é do tipo integrada e isso permite reunir, em uma única busca, os resultados que seriam localizados no índice bibliográfico de Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), na *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE), no Index Psi Periódicos, na base de dados CidSaúde, na Base de Dados Coleção Nacional das Fontes de Informação do SUS (ColecionaSUS) e na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO).

Outras bases integram a BVS, mas essas não serão relatadas neste artigo, haja vista a grande quantidade e a não relação direta com o tema deste levantamento. Além disso, a BVS possui a interface de busca integrada (IAHx). Embora o escopo deste artigo esteja apenas em publicações em português, essa funcionalidade também permitiria recuperar publicações em inglês e espanhol. A Scopus é uma base da editora Elsevier, e sua inclusão neste levantamento ocorreu em face da abrangência de indexações. É preciso ressaltar também que a decisão sobre quais bases entrariam ou não nesta pesquisa seguiu as

recomendações de bibliotecários da Biblioteca Central dos Estudantes (BCE) da Universidade de Brasília (UnB). Houve a realização de várias pré-pesquisas para testar se os localizadores traziam resultados mais adequados ou não, e se precisavam ser ajustados para cada uma das bases e portal.

Apresenta-se na Tabela 1 o registro de quais localizadores foram empregados, além dos respectivos operadores lógicos, bem como os principais filtros utilizados. Cabe ressaltar que a escolha pelo descritor “Alcoolismo” para a pesquisa na BVS ocorreu em função da indicação obtida no Descritor em Ciências da Saúde (DeCS) daquela biblioteca. Conforme informação do próprio DeCS (ver: <http://decs.bvs.br>), trata-se de um vocabulário estruturado e trilingue que deve ser utilizado em buscas tanto na BVS quanto em outras bases. Além de apresentar sua própria definição de alcoolismo, esse descritor tem como qualificador “psicologia”, o que permite realizar pesquisas específicas nessa área do saber com esse descritor. Já na base Scopus e no portal PePSIC, foi utilizado esse mesmo localizador para manter coerência nas buscas.

Quadro 1: Critérios de pesquisa utilizados

Base/Portal	Localizadores	Operadores Lógicos	Filtros	Escopo
BVS	Alcoolismo, Trabalho	AND	Artigos Idioma: Português Período: 1997-2017	Título, Resumo Assunto
PePSIC	Alcoolismo, Trabalho	AND	Idioma: Português Período: 1997-2017	Todos os campos
Scopus	Alcoholism, Work	AND	Idioma: Português Período: 1997-2017	Todos os campos
Periódico CAPES	Alcoolismo, Trabalho	AND	Artigos Idioma: Português Período: 1997-2017 Revisão por pares	Assunto

Nota: Na base Scopus, os localizadores são no idioma inglês, mas, após a realização da pesquisa, é possível utilizar o filtro para as publicações no idioma português.

A escolha pelo período de 1997-2017 deve-se à necessidade de buscar as publicações contextualizadas aos tempos de intensificação da precarização do trabalho no Brasil, com a expansão do setor de

serviços em detrimento do setor produtivo (Antunes, 2015) e também por tratar-se dos anos em que houve consolidação das publicações em periódicos eletrônicos no Brasil. A pesquisa nessas bases ocorreu entre os dias 20 e 31 de julho de 2017. Os

artigos foram analisados, inicialmente, por meio de leitura do título e de resumo. Quando se optava pela inclusão do artigo na planilha de registro de informações bibliométricas, procedia-se à leitura do artigo completo.

Após a realização desses pré-testes de buscas, seguiu-se para a pesquisa em definitivo. A leitura do título, das palavras-chave e do resumo ocorria na própria base *on-line*. Quando se optava pela inclusão do artigo, as suas informações bibliométricas – título, ano de publicação, palavras-chave, objetivo, autor, instituição de filiação, título do periódico, natureza da pesquisa, unidade da federação e cidade da pesquisa, descrição da organização pesquisada, campo da pesquisa, referencial teórico, método/instrumento da coleta de dados, procedimento da análise de dados, tamanho e característica da amostra, tipo de substância psicoativa, principais resultados e conclusões – eram registradas em uma planilha do Microsoft Excel. Posteriormente, os artigos selecionados foram incluídos no *software* gerenciador de referências Mendeley, o qual permite melhor manuseio digital do material e posterior elaboração de listagem bibliográfica.

Os parâmetros utilizados para a exclusão dos artigos foram: não relacionar diretamente a temática da alcoolização com o trabalho, fugir ao tópico da alcoolização, referir-se a outros tipos de adoecimentos relacionados ao trabalho, centrar a discussão na temática da terapêutica, manejo ou políticas públicas sobre o consumo de drogas, não apresentar texto completo digital possível de localização. Os artigos que estavam em mais de uma base e que atendiam aos parâmetros de inclusão foram contabilizados apenas uma vez. O maior número de repetições estava na PePSIC, já que a pesquisa na BVS havia

recuperado boa parte dessas mesmas publicações.

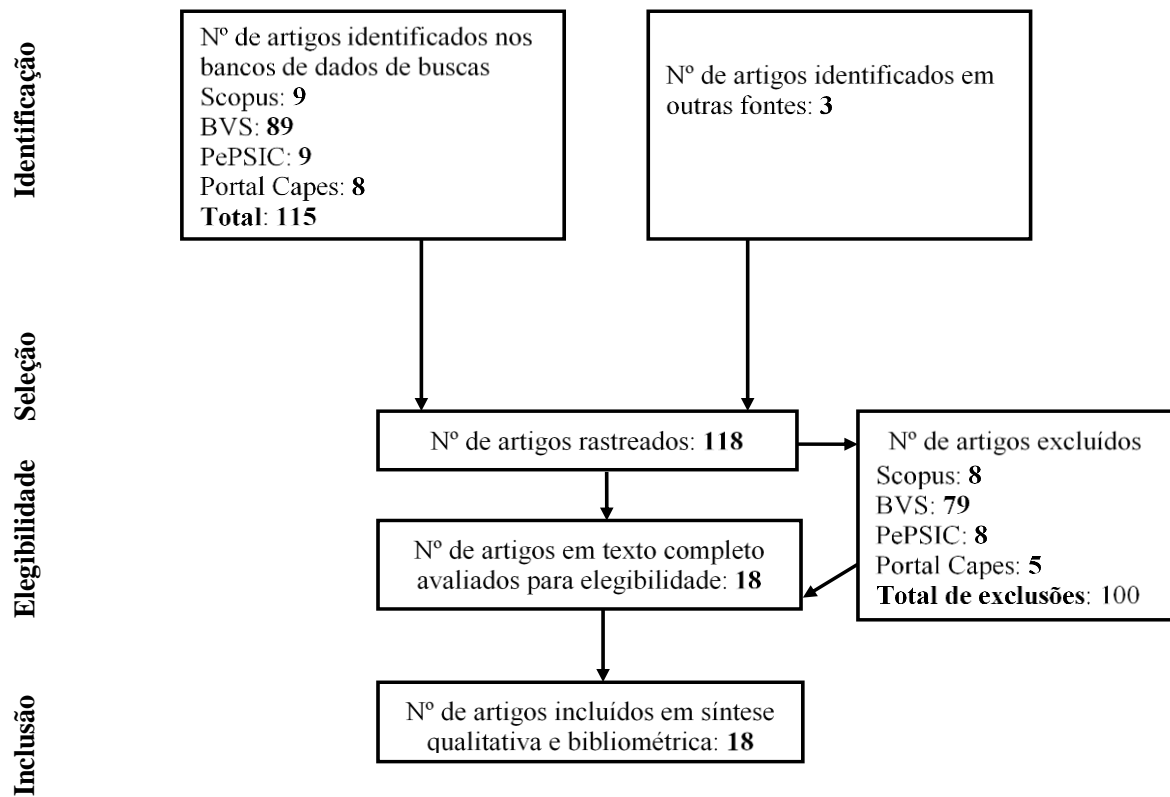
As exclusões que se basearam no critério “não vinculação do artigo com a temática principal” referem-se à inexistência de diálogo da publicação com a perspectiva teórica ressaltada na introdução deste artigo: o uso de álcool pelos trabalhadores como uma ferramenta para lidarem com as exigências da organização do trabalho (Fontaine, 2006; Karam, 2003; Lima, 2010; Maranda, 2017) ou o resultado do uso de álcool no ambiente de trabalho (acidentes, retrabalho, erros). Não foi motivo de exclusão o fato de o artigo relacionar outras substâncias psicoativas além do álcool, embora o enfoque analítico deste artigo seja apenas o álcool.

Registra-se que a inclusão de artigos oriundos de pesquisas livres (não necessariamente vieram da busca sistematizada) deve-se à leitura sobre o assunto em outras fontes, como livros e, até mesmo, outros artigos. A decisão sobre a inclusão “manual” desses artigos ($n = 3$), os quais serão detalhados a seguir, pautou-se na relevância científica desse material, na vinculação clara dessas publicações com o eixo discursivo deste artigo e no fato de que as autoras desses artigos utilizam bibliografia que pode auxiliar outros pesquisadores na investigação dessa temática sob a ótica do questionamento crítico do uso de álcool relacionado ao trabalho.

Resultados

Após a realização dos procedimentos registrados na seção anterior, chegou-se ao total de publicações descrito na Figura 1, em que constam também os números de exclusão, inclusão e o total de artigos selecionados para as análises tanto de caráter bibliométrico quanto de conteúdo.

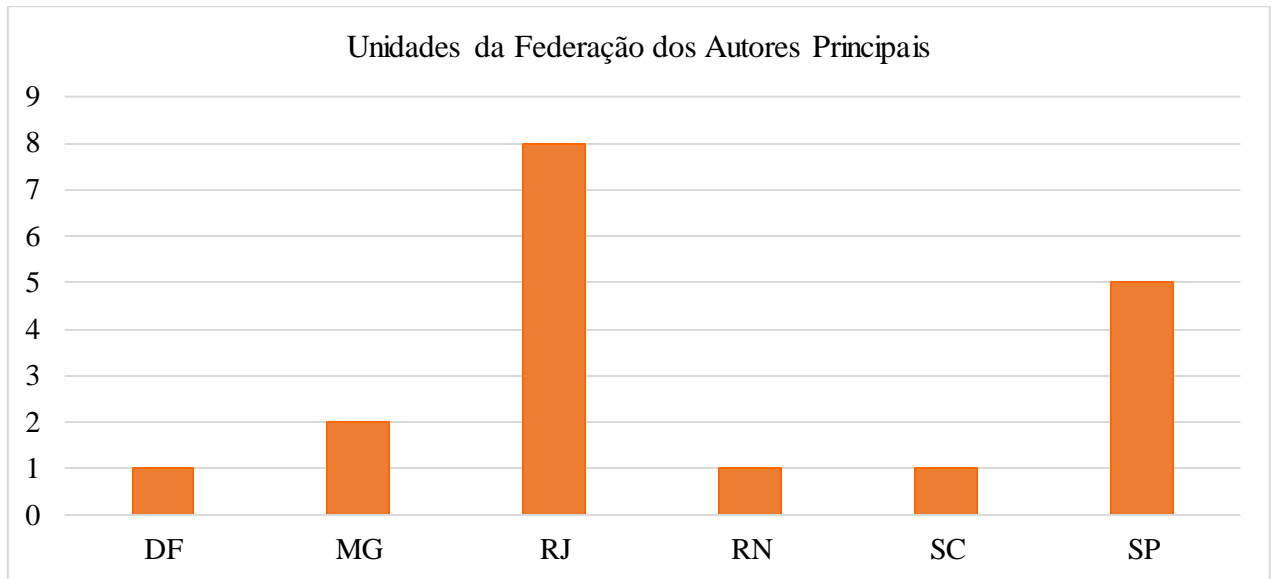
Figura 1: Fluxograma de inclusão e exclusão dos artigos segundo as bases e portal escolhidos.



Valendo-se da aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, chegou-se ao total de 18 produções que seriam incluídas tanto para a análise de informações bibliométricas quanto para a análise de conteúdo. Um dos resultados da análise bibliométrica dos artigos indica que há uma concentração de publicações quase que exclusiva de autores atuantes na Região Sudeste. Houve a ocorrência de dois artigos publicados por autores da Região Nordeste e apenas um artigo do Centro-Oeste. Isso

não se revela como uma novidade: a concentração de renda nessa região, o grande número de universidades e pesquisadores podem estar relacionados com maior quantitativo de pesquisas e publicações.

Quanto aos estados que apresentaram maior ocorrência de publicações, conforme a Figura 2, destacam-se Rio de Janeiro (RJ), seguido de São Paulo (SP) e Minas Gerais (MG):

Figura 2: Unidade da Federação das instituições de origem dos autores principais dos artigos selecionados para análise

Fonte: Produzido pelos autores (2017)

Quanto aos autores que publicaram esses artigos, observa-se que duas autoras (Elizabeth Espindola Halpern e Ligia Maria Costa Leite) aparecem em mais de uma publicação, totalizando seis artigos de autoria delas no total de 18 analisados. À exceção do amplo conjunto de produções da pesquisadora Maria Elizabeth Antunes Lima sobre o assunto e também das contribuições de Heliete Karam, sabe-se que são poucos os autores no Brasil que

analisam a complexa e contraditória relação entre alcoolismo e trabalho como principal linha de pesquisa.

Quanto às áreas dos periódicos que publicaram esse tipo de estudo, observa-se uma composição multidisciplinar que passa por Saúde Coletiva, Psiquiatria, Enfermagem, Anestesiologia e Psicologia, sendo que essa última apresentou o maior número de artigos publicados, conforme se identifica na Tabela 2.

Quadro 02: Títulos dos periódicos que apresentaram publicações selecionadas.

Periódico	Quantidade de Artigos
Rev. Estudos de Conflito e Controle Social	1
Estudos de Psicologia	1
Cadernos de Psicologia Social do Trabalho	2
Cadernos de Saúde Pública	1
Revista Saúde Pública	1
Revista Brasileira de Anestesiologia	1
Revista Brasileira de Enfermagem	1
Revista Brasileira de Saúde Ocupacional	1
Revista Brasileira de Psiquiatria	1
Revista Ciência e Saúde Coletiva	1
Revista Ciências Médica USP Campinas	1

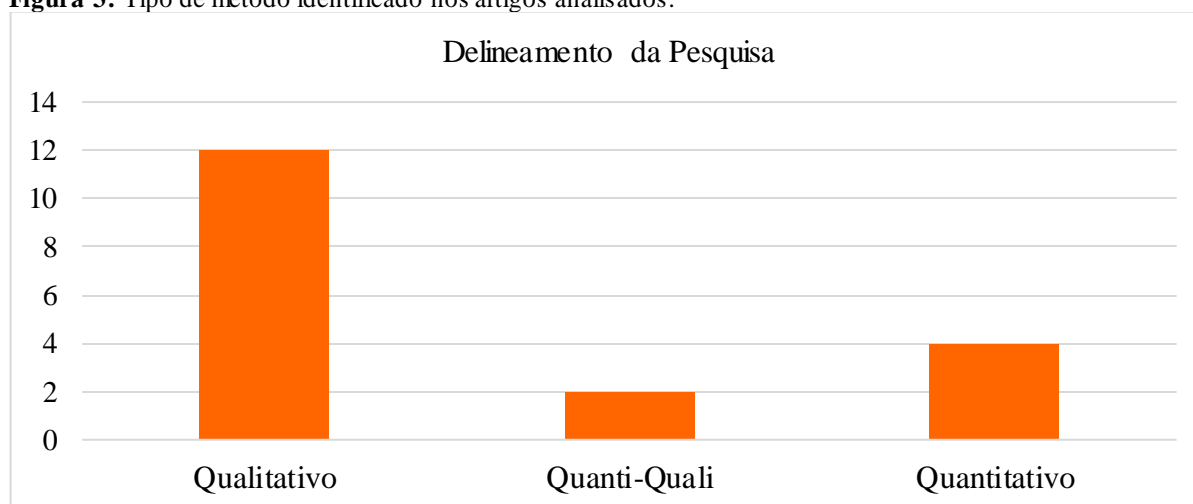
Revista de Enfermagem da UERJ	1
Rev. Enfermagem do Centro Oeste Mineiro	1
Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul	1
Revista de Saúde Coletiva	1
Revista Psicologia: Org. e Trabalho	1
Revista Saúde e Sociedade	1

Fonte: Produzido pelos autores (2017)

Sobre o tipo de método das publicações, observa-se uma concentração de métodos qualitativos ($n = 12$), em detrimento dos

quantitativos ($n = 4$), e aqueles mistos ($n = 2$), conforme indica a Figura 3:

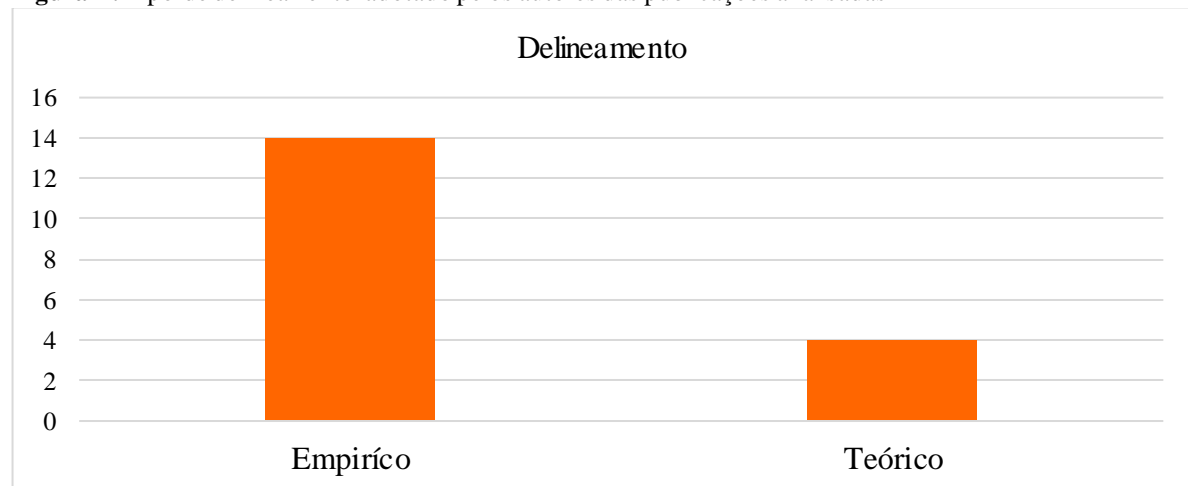
Figura 3: Tipo de método identificado nos artigos analisados.



Fonte: Produzido pelos autores (2017)

Não obstante ser um tema tabu e com dificuldades de acesso a participantes, observa-se que isso não impede a condução de estudos empíricos, não sendo apenas um campo de investigação teórica, mas tendo

nos próprios sujeitos as pistas para o desvelamento dessa imbricada relação. A Figura 4 ilustra a predominância de estudos empíricos.

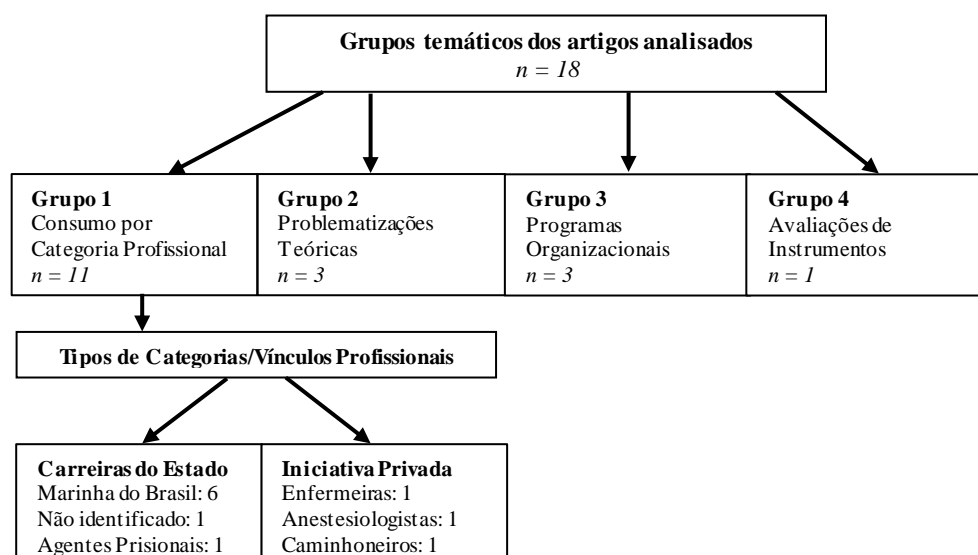
Figura 4: Tipo de delineamento adotado pelos autores das publicações analisadas

Fonte: Produzido pelos autores (2017)

Quanto à caracterização sobre os temas recorrentes nesses artigos, foram identificadas diferenças entre a classificação temática adotada neste artigo e aquela realizada por Ferreira e Sartes (2015) e por Webb et al. (2009). Para todos esses autores, o foco das suas publicações era o tema da intervenção no ambiente laboral (programas de apoio ao trabalhador, estratégias de atendimento ao trabalhador). Mesmo cientes de que esse assunto não era aquele que concentrava maior número de publicações, esses autores entendiam que havia poucos estudos de revisão sistemática que teceram análise qualitativa sobre esse tema e, por

isso, consideraram importante indicar evidências se a realização de intervenção quanto ao uso de álcool no ambiente de trabalho é uma ação válida ou inócua.

No nosso caso, optamos por classificar os temas dos artigos segundo aqueles que mais se repetiam, o que permitiu o agrupamento em quatro grupos temáticos, conforme disposto na Figura 5. Seguiremos para o detalhamento dos temas dos artigos analisados. Colocaremos “a lupa” no papel que o trabalho desempenha no processo de adoecimento ou de prevenção ao abuso de álcool e outras drogas. O agrupamento temático dos artigos configurou-se segundo o disposto na Figura 5:

Figura 5: Classificação temática dos artigos analisados.

O termo “não identificado”, constante na Figura 5, refere-se à impossibilidade de denominar a categoria específica ou ramo da atividade no artigo em questão. Iniciamos por aquele grupo que apresentou artigos em maior número e que denominamos de “consumo por categoria profissional”. Chama a atenção o fato de que a categoria mais estudada nesse levantamento foi a de militares ($n = 6$), sendo todos esses da Marinha. Mas isso merece uma ressalva, pois nesses artigos a autora principal é a mesma, e a diferença nessas publicações é apenas o prisma da discussão adotada.

Não só a categoria profissional é a mesma, mas também os participantes e a organização são os mesmos: Marinha do Brasil e seu Centro de Dependência Química (Cedeq) no Estado do Rio de Janeiro. Por isso, não é possível afirmar que os estudos sobre alcoolismo e trabalho de militares tenham destaque nas publicações nacionais, porém pode ter sido um esforço das referidas autoras em sistematizarem esse tema naquela instituição. Em todos esses estudos sobre a Marinha, as autoras não apresentam dados sociodemográficos dos participantes.

Depois dos militares, os profissionais de saúde ($n = 2$) são aqueles que integram maior número de publicações no mesmo grupo temático “consumo por categoria profissional”, no caso, enfermeiros e anestesiológicos. Em ambos os estudos – que possuíam suas particularidades na composição da amostra e usaram instrumentos de coleta de dados diferentes – é possível identificar as taxas de uso. No estudo sobre os anestesiológicos, conduzido por Alves, Vieira, Laranjeira, Vieira e Martin (2012), aproximadamente 12,3% dos participantes realizavam uso nocivo de álcool e,

especificamente, 22,8% caminhavam para a instalação de um quadro de dependência do álcool. O artigo de Pio et al. (2012), sobre as enfermeiras, indica que a taxa de possível dependência do álcool era de 4,8%. Já o estudo de Dimenstein, Lima, Figueiró e Leite (2017) elegeu como categoria profissional os agentes do sistema prisional. De forma semelhante ao que foi encontrado nos artigos sobre anestesiológicos e enfermeiros, 40,9% dos agentes dos Centros de Detenção prisional (CDP) fazem o uso nocivo/dependente de álcool, e 18,6% dos agentes penitenciários relataram padrão de uso que os permite classificar na faixa de dependência.

No estudo de Nascimento, Nascimento e Silva (2007) sobre os caminhoneiros, destaca-se como caracterização do padrão de uso desses trabalhadores o total de 91% que afirmam consumir bebidas alcoólicas durante as jornadas de trabalho, em que 24% relataram beber todos os dias e 43% afirmaram fazer o uso de álcool nos postos de combustíveis (o que pode ser entendido, por extensão, como o espaço para o descanso intrajornada). No artigo de Rossato e Kirchhof (2004), não houve caracterização dos participantes e, por isso, não há como identificar o padrão de consumo daquele público.

Quanto ao segundo grupo denominado de “Problematizações Teóricas”, foram agrupados três artigos. Entre eles, o de Neves (2004), situado na perspectiva da etnografia, ressalta a pesquisa realizada pela autora em bares e em reuniões do grupo de Alcoólicos Anônimos (A. A.) no Estado do Rio de Janeiro. A contribuição teórica deste artigo reside na leitura contra-hegemônica realizada sobre o assunto, isto é, a autora deixa de focar nas leituras hegemônicas sobre o alcoolismo, que tratam, em

uma perspectiva quase que exclusiva, os problemas ocasionados pelo uso abusivo de álcool (acidentes, prejuízos no trabalho, aumento nos gastos de saúde) e situa a problematização do uso de álcool como um elemento que acompanha toda a história da humanidade. Segundo a autora, cada sociedade demarca o seu padrão de institucionalização do uso de álcool e ressalta que os motivos para beber (ou não) são aprendizagens culturais. O ato de beber, nessa perspectiva, é um ato social dotado de normatizações, valores, crenças, imaginários. A classificação do que seria beber em excesso não está apenas no plano do indivíduo – o desviante –, mas situado em outros fatores consonantes ao contexto cultural, além daqueles de ordem bioquímica, fisiológica e/ou farmacológica que ajudam a entender esse fenômeno social.

O artigo de Lima (2010) foi incluído nesse grupo por entender que a distinção do uso funcional e disfuncional dialoga, em alguma medida, com essa proposta de Neves (2004) que caracteriza as diversas finalidades do ato de beber e situa-se no campo de avanço teórico sobre a relação aqui problematizada. A publicação de Lima (2010) não está focada apenas no uso de álcool, mas no campo das toxicomanias em geral. Ressalta que alguns trabalhadores recorrem ao uso das substâncias psicoativas para suportarem a pressão da organização do trabalho e manterem-se produtivos. Mas, em algum momento das suas vidas, e somente entre alguns trabalhadores, esse uso passa a ser disfuncional, ou seja, a droga deixa de ser um elemento de suporte para a realização das tarefas laborais e passa a ser um obstáculo, um problema para a execução do próprio trabalho.

O terceiro artigo desse grupo é o de Karam (2003) que também irá

situar o uso do álcool como uma resposta às demandas, pressões, alienações e silenciamentos oriundos da condição de trabalhador submetido à lógica de produção. Para a autora, a alcoolização se revela como uma ideologia de resistência e a necessidade de se alcoolizar é explicada pela supressão da palavra nos espaços políticos, o que inclui o espaço do trabalho. Seria o retorno do trabalhador à palavra nos espaços coletivos uma forma de prevenção ao alcoolismo.

No grupo 3, “Programas Organizacionais”, obteve-se o total de três artigos publicados. A publicação de Ronzani, Rodrigues, Batista, Lourenço e Formigoni (2007) é um relato de experiência. Foi adotada a técnica da triagem e intervenção breve (TIB) em um Batalhão do Corpo de Bombeiros no Estado de Minas Gerais. Foram aplicados seis instrumentos para os participantes, e esse artigo trouxe caracterização demográfica sobre os participantes, mas não foram apresentados dados sobre o padrão de uso do álcool. Há apenas a classificação dos grupos de bombeiros segundo zonas de intensidade do uso de álcool (abstinentes ou baixo risco, uso de risco, uso nocivo e provável dependência). O enfoque dos autores foi a explicitação do trabalho realizado para que fosse realizada a intervenção breve naquela organização segundo as zonas de intensidade do consumo de álcool. Foi indicado que fatores macro e *meso* organizacionais podem estar relacionados ao sucesso da implementação da TIB, como, por exemplo, a cultura organizacional e a sensibilização de equipes e gestores para atuarem com essa temática.

Ainda sobre o grupo “Programas Organizacionais”, a publicação de Carrillo e Mauro (2003) reúne os dados sobre uma pesquisa

realizada em uma empresa petroquímica no Estado do Rio de Janeiro. O objetivo foi identificar as percepções dos trabalhadores sobre as próprias condições de saúde, as informações que possuíam sobre uso de drogas e o que consideravam importante para prevenção e tratamento ao abuso de drogas. As autoras consideram que os trabalhadores não vislumbram relação entre as condições laborais e o consumo de substâncias psicoativas, mas que o estresse poderia estar relacionado com esse uso, assim como as relações interpessoais com os colegas de trabalho. Segundo as autoras, o trabalho desempenharia papel importante na proteção ao estabelecimento de um quadro de dependência química naquela realidade organizacional.

Nesse mesmo grupo temático número 3, também incluímos o artigo de Corrêa, Pedrosa, Oliveira e Cazenave (1998). As autoras apresentam a proposta de discutir os programas de controle e prevenção do uso de álcool e outras drogas, mas centram a discussão nas análises laboratoriais e testagem toxicológica como parte desses programas. Ressaltam as complicações éticas e a necessidade de confiabilidade nos resultados emitidos pelos laboratórios, já que esses resultados podem trazer implicações para os trabalhadores (demissões, retaliações). Nesse artigo, consta fluxograma esquemático do processo do controle de substâncias psicoativas no trabalho, porém é centrado somente na testagem toxicológica.

No grupo 4, "Avaliação de Instrumentos", classificamos apenas um artigo. Os autores Amaral e Malbergiera (2004) realizaram a aplicação do instrumento de detecção do uso de álcool chamando de CAGE (sigla que especifica a síntese das

questões abertas do teste: C- *cut down*, A- *Annoyed*, G- *Guilty*, E- *Eye-opener*) com vistas a obter evidências de validade deste na detecção dos problemas relacionados ao uso de álcool. Participaram da pesquisa os trabalhadores das áreas operacional e administrativa da prefeitura do Campus da Universidade de São Paulo (USP). O perfil da amostra eram trabalhadores homens com idade entre 41 e 60 anos. Mesmo que o objetivo do artigo tenha sido a avaliação quanto à validade desse instrumento, os autores apresentaram dados sobre o padrão de uso dos trabalhadores e afirmaram que a taxa de prevalência de uso de álcool é de 12%, e o total de 4,7% é a prevalência daqueles que fazem o abuso dessa substância. Quanto ao objetivo principal do artigo, os autores afirmam que encontraram evidências de validade do CAGE e que esse seria um instrumento adequado para aplicação no ambiente laboral, seja em contexto de admissão do trabalhador, seja em avaliações de saúde ocupacional com vistas à identificação de problemas relacionados ao álcool.

Discussão

Os resultados apresentados são oriundos das análises dos artigos: a primeira foi do tipo bibliométrica e a segunda foi o conteúdo dessas produções, focalizando no detalhamento do perfil dos participantes dos estudos e na relação que os autores estabeleceram (ou não) entre o consumo de álcool e as relações de trabalho. Destaca-se que, diante da pesquisa realizada, não é possível falar que localizamos vasta produção sobre o assunto, conforme já sinalizava Webb et al. (2009). Conseguimos localizar 118 artigos e, após exame desse material, o total de 18 artigos entrou na análise detalhada

por atender aos critérios de inclusão já descritos na seção do método.

Quanto aos resultados de natureza bibliométrica, registramos neste artigo que, majoritariamente, os autores estão concentrados na Região Sudeste do país, fato que é comum em outras publicações que realizam esse tipo de classificação por região como um dos fatores de caracterização de perfil autoria, mesmo que relacionados a outros temas (e.x: Fontes, Maia, Oliveira, Medeiros, 2010; Rueda, 2009). Além disso, não é possível afirmar que há concentração de publicações em uma única área do saber, já que as revistas que publicaram esse tema são vinculadas a diferentes departamentos e centros de pesquisas de universidades públicas no país.

Merece destaque também o número pontual de publicações em revistas da Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT). Estudos como o de Borges-Andrade e Pagotto (2010) já relatam a necessidade de divulgação de pesquisas dentro dos veículos da própria Psicologia, além da citação de mais autores nacionais nas publicações de artigos, bem como a recomendação de manutenção dos autores nas suas trajetórias de pesquisa, sem o abandono das temáticas e da produção intelectual de uma mesma linha acadêmica. Contudo, esse autor alerta que a diversidade de temas é frutífera na pesquisa de gestão de pessoas e, portanto, a parceria com pesquisadores de outras áreas auxiliaria nessa construção do saber sem perder de vista o objeto do estudo. Os resultados apresentados indicam que os pesquisadores da relação alcoolismo e trabalho não mostram evidências de que estabelecem parcerias com outros autores e/ou instituições para estudar esse tema, o que sugere a não existência de parceria ou de rede de

colaboração destacada por Borges-Andrade e Pagotto (2010).

Observa-se também que a estratégia predominante de coleta de dados utilizada nos artigos foi o estudo de caso. Em alguns desses artigos, a pesquisa esteve centrada em alguma organização específica, em que o local de pesquisa é também o local de trabalho de uma das autoras (Halpern, Ferreira & Silva Filho, 2008; Halpern & Leite, 2012a; 2012b; 2013; 2014; 2015). A ressalva de Halpern, Ferreira e Silva Filho (2008), para tanto, é que se trata de um tema que desperta desconfiança nos sujeitos de pesquisa, assim como causa resistência aos gestores da organização e, por isso, a possibilidade de êxito na coleta de dados estaria comprometida caso não houvesse essa dupla entrada na condição de profissional e de pesquisadora.

Relato semelhante quanto ao acesso aos sujeitos foi relatado por Dimenstein et al. (2017) em pesquisa com trabalhadores do sistema prisional. As autoras consideram que se trata de uma categoria com dificuldade de acesso, permeada por protocolos de segurança e regras que podem inviabilizar a obtenção de dados. Portanto, os caminhos da viabilidade na realização desse tipo de estudo, que envolve um tema tabu, demanda do pesquisador a conquista do *locus* investigativo, seja quando atua na condição de profissional daquela instituição pesquisada, seja quando consegue obter autorizações e aproximações gradativas ao local de trabalho dos participantes, tornando-se um pertencente (ainda que temporário) daquele espaço social.

A natureza do objeto de estudo alcoolismo pode ser entendida como um tema tabu, em que o acesso aos participantes depende também do reconhecimento desses sujeitos quanto aos problemas relacionados ao uso de

álcool e da abertura dos espaços de trabalho para abordar esse tema. Coloca-se, de imediato, o difícil acesso a grandes grupos de participantes, bem como a obtenção de respostas fidedignas, principalmente se as drogas ilícitas entrarem no estudo. Verifica-se a dificuldade de realização de estudos longitudinais, ou de ensaios clínicos randomizados com alcoólistas (Webb et al., 2009).

Quanto aos instrumentos de coleta de dados, verificou-se que os estudos se centraram no uso da entrevista (semiestruturada) como ferramenta para alcance desses dados. Os estudos de delineamento quantitativo focalizaram em alguma categoria profissional e houve a aplicação de instrumento. Cabe destacar que apenas algumas publicações deixaram claro qual era o instrumento utilizado e trouxeram informações quanto à validade desse instrumento (Dimenstein et al., 2017; Pio et al., 2012). Apenas um estudo teve como objetivo principal obter evidências de validade do instrumento (Amaral & Malbergier, 2004), ao passo que outros artigos não discorreram sobre esse tópico. Além disso, não é possível saber se os questionários utilizados foram produzidos por esses autores ou se são adaptações, não havendo evidências de validade do instrumento nos artigos analisados (Rossato & Kirchof, 2004; Alves et al., 2012). De forma geral, o instrumento mais utilizado pelo conjunto de artigos aqui analisados foi o *Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test* (ASSIST).

Na revisão sistemática realizada por Webb et al. (2009), já há a indicação de fragilidade na acurácia das medidas realizadas e de dificuldades para considerar se os participantes receberam o mesmo tipo de intervenção ou não, no caso de

grupos de controle. Isso, segundo Webb et al. (2009), dificulta a sustentação de justificativas para investimento nesses programas por parte das organizações, haja vista que não há evidências quanto à eficácia desse tipo de ação. O nosso objetivo neste artigo não foi o de realizar revisão sistemática sobre essa modalidade de programa e consideramos que a eficácia ou não desse tipo de intervenção depende de outros fatores que não detalharemos aqui. Mesmo assim, cumpre ressaltar que a ausência de informações, nesses artigos, sobre o instrumento utilizado (construto mensurado, evidências de validade e outros) dificulta a realização de futuras revisões sistemáticas que podem apontar lacunas de ordem teórica e/ou de método.

Outro fator que merece destaque nas análises realizadas quanto ao conteúdo dos artigos é o de que os relatos não fazem referência explícita a uma corrente teórica. Por meio das leituras dos artigos, é possível perceber que alguns deles utilizam conceitos de algumas áreas da psicodinâmica do trabalho e de explicações culturais do fenômeno (Halpern, Ferreira & Silva Filho, 2008; Halpern & Leite, 2012a; 2012b; 2013; 2014; 2015), outros se valem de abordagens mais epidemiológicas e dialogam com autores da psicologia do trabalho (Dimenstein et al., 2017) e outros não fazem referência direta a nenhum construto, mas retomam nomenclaturas da área da saúde do trabalhador (Rossato & Kirchof, 2004). Nos artigos eminentemente teóricos, fica nítida essa diferença de abordagens. A publicação de Lima (2010) baseia-se na contribuição teórica e de método de Louis Le Guillant, enquanto a publicação de Karam (2003) é baseada na abordagem de Dejours da psicodinâmica do

trabalho e a de Neves (2004) segue na perspectiva etnográfica.

Ainda nessa análise sobre a orientação teórica das publicações, é possível notar que há uma polarização de explicações sobre o fenômeno estudado: há aqueles artigos que consideram que a organização do trabalho não desempenha nenhum papel na construção do alcoolismo. De um lado, são estudos que veiculam as explicações para a ocorrência e manutenção desse adoecimento no âmbito dos fatores individuais, como personalidade, origem familiar, genética e “falta de vontade” (Rossato & Kirchhof, 2004). Há outros artigos que apenas citam a possível contribuição do trabalho, mas não problematizam isso (Pio et al., 2012) e há aqueles estudos que concluíram que não há contribuição alguma do trabalho para o abuso de álcool ou que o problema estaria na forma de selecionar/contratar trabalhadores para atividades com elevado risco ocupacional (Amaral & Malbergier, 2004).

De outro lado, há também os artigos que apresentam e discutem fatores do trabalho relacionados ao abuso de álcool entre os trabalhadores: estresse laboral, ausência de reconhecimento, violência, assédio moral, ruptura no elo trabalho-vida social, sobrecarga, pressão temporal, condições térmicas desfavoráveis, ausência de garantias trabalhistas e outros elementos mais relacionados à organização do trabalho e relações socioprofissionais (Dimenstein et al., 2017; Halpern, Ferreira & Silva Filho, 2008; Halpern & Leite, 2012a; 2012b; 2013; 2014; 2015; Lima, 2010; Karam, 2003).

Em especial, ao nos debruçarmos sobre os resultados dos artigos do grupo temático aqui denominado de “Consumo por Categoria Profissional”, observa-se

que há fatores de risco ocupacional relacionados ao uso de substâncias psicoativas que são comuns às distintas categorias profissionais. No caso dos anestesiológicos (Alves et al., 2012), dos caminhoneiros (Nascimento, Nascimento & Silva 2007), dos integrantes da Força da Marinha (Halpern & Leite, 2012a, 2012b) e dos agentes do Sistema Prisional (Dimenstein et al., 2017), há clara indicação de quais condições de trabalho podem estar relacionadas ao consumo de álcool – seja esse uso como a saída para o *fazer trabalho*, seja como para criar os *sentidos do trabalho*. Destacam-se como condições: o trabalho insalubre, o trabalho desprestigiado socialmente, a pressão temporal por produtividade, o acesso fácil e legitimado às substâncias psicoativas no local de trabalho, as desregulações dos direitos trabalhistas (que envolvem desde ausência de espaços para o descanso intrajornada, até jornadas e turnos extenuantes, proteções relacionadas ao salário, pagamento de horas extra e outros).

A publicação de Rossato & Kirchhof (2004), que trata de servidores públicos (não especificados ou caracterizados), não indica qualquer fator ocupacional de risco relacionado ao uso abusivo de álcool. Em especial, nesse estudo, o papel do trabalho é veiculado na ótica da disciplina e punição do alcoolista. Semelhança quanto a isso é observada na publicação de Pio et al., (2012) sobre profissionais de enfermagem. Os participantes, necessariamente, sofreram algum acidente de trabalho e, mesmo que os escores do *Alcohol Use Disorders Identification Test* (AUDIT) tenham sido de 4,8% dos participantes como dependentes do álcool, não se observa uma problematização dessa possível relação entre trabalho e uso de álcool.

Ademais, estudos como o de Carrillo e Mauro (2003) são enfáticos ao afirmarem que “esses resultados evidenciam a inexistência de elementos propriamente laborais como condicionantes do consumo de drogas” (p. 32).

E, por fim, a questão que se apresenta: o que há de comum entre os grupos temáticos identificados? À exceção das publicações de Neves (2004), Lima (2010) e Karam (2003), não se observa, no conjunto de artigos analisados, alguma problematização sobre o papel social do uso de álcool na sobrevivência/enfrentamento dos males da sociedade. Essa substância é vista como um problema, é algo que causa prejuízos de todas as ordens. Além disso, aquele sujeito que perde o controle em face à bebida deve ser banido das relações sociais e do espaço social, como do local de trabalho.

A esfera moralizante do alcoolismo silencia e mesmo omite o questionamento sobre o papel do álcool na história humana e especificamente no local de trabalho. O ato de beber pode ser situado como um fenômeno social, marcado por aprendizagens e finalidades. Isso é o oposto das pesquisas de caráter hegemônico: foco no moralismo, centralidade no âmbito do patológico, da doença, do desviante, da falta de caráter, do indivíduo. Esse conjunto de estudos está longe de debater o papel da sociedade na produção do ato de beber e de focalizar nos espaços que permitem transitar nessa discussão, listados por Neves (2004) como o próprio trabalho e suas exigências, os valores, os atos sociais, as inscrições culturais que se relacionam com beber em seus diferentes modos e intensidades.

Conclusão

O objetivo deste artigo foi apresentar panorama sobre as características das produções científicas brasileiras (recortada aqui em artigos científicos revisados por pares) sobre a relação álcool e trabalho. Indicamos que não é possível falar em ampla produção sobre esse tema, mas é preciso considerar que há pesquisas produzidas por distintas áreas do saber. As várias abordagens teóricas e propostas explicativas sobre o fenômeno em tela já deixam claro a diversidade e ausência de consenso sobre o assunto. Essa pulverização de abordagens só aumenta os desafios para aqueles que buscam pesquisar nesse campo temático e mesmo propor intervenções sobre o assunto no contexto das organizações brasileiras. Em face a essa consideração e aos resultados apresentados, é possível elencar alguns pontos de reflexão para os pesquisadores dessa área, assim como para aqueles que pretendem realizar revisões sistemáticas sobre o tema:

1. A existência de diferentes formas de caracterização dos padrões de consumo do álcool, entre aquilo que seria problemático e aquilo que não apresentaria dificuldades para realização de meta-análises. Há uma complexidade de critérios, abordagens teóricas e metodológicas para a identificação do alcoolismo que supere a dimensão diagnóstica constante no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) ou na Classificação Internacional de Doenças (CID);
2. Polarização do potencial explicativo das pesquisas: de um lado, há aqueles estudos que ressaltam a não existência de elementos do trabalho que possam ser relacionados como fatores de risco para a ocorrência do alcoolismo e, de outro, há aqueles que consideram a presença destes, mas não

conseguem relacionar os fatores individuais e organizacionais em uma proposta explicativa;

3. A constatação de que o consumo de álcool pode ser um meio de enfrentamento encontrado pelos trabalhadores para suplantarem as adversidades e fontes de mal-estar relacionadas ao trabalho. Mas a contravenção disciplinar quanto ao consumo de álcool no espaço laboral, os estigmas relacionados ao trabalhador que realiza o abuso de álcool, o medo desses trabalhadores em perderem o emprego são algumas das questões que colocam desafios no âmbito dos instrumentos de coleta de dados e de acesso aos participantes;

4. Considerando os estigmas e limites destacados no item anterior e também a polarização destacada no item 2, pesquisar esse tema significa deparar-se com a dificuldade de acesso aos trabalhadores que reconhecem “a perda da liberdade de beber”, em especial quando são estudadas categorias profissionais específicas. Isso porque, em grande medida, há poucas organizações que identificam esse problema e buscam acolher esse trabalhador adoecido. Outra parcela das organizações exterioriza essa situação, deixando sob responsabilidade do indivíduo escolher as alternativas para lidar com isso, ou mesmo “livrando-se” desses sujeitos, o que dificulta ainda mais o acesso aos participantes.

Observamos, portanto, que são desafios de naturezas diversas (seja ontológica, seja epistemológica, seja relacionada ao método), o que, de alguma forma, reflete no panorama da produção científica sobre essa relação. A questão que se coloca é como lidar com esses aspectos e avançar em uma proposta que não se afugente da busca de explicações que relacionem essa problemática em diferentes níveis desse objeto: seja pela ótica das

diferentes abordagens sobre o uso de álcool (fisiológicas, psicológicas, culturais, sociais), seja pelos níveis de explicação do fenômeno (dados epidemiológicos, dados de história de vida dos sujeitos que manifestam problemas com uso de álcool, caracterização do trabalho – na dimensão do prescrito e do real).

Reconhecemos que esses desafios não são exclusivos dos estudos sobre a relação álcool e trabalho, mas são uma faceta que acompanha, de forma geral, as ciências humanas. No entanto, esses elementos não podem ser instrumentos de resignação para os estudiosos dessa temática, mas podem atuar como balizadores para as futuras pesquisas a serem realizadas nesse campo do saber. Para enfrentar tamanho desafio, um caminho, talvez, poderia ser a formação de redes colaborativas entre pesquisadores que se colocam em uma postura questionadora, crítica, que não perca de vista a centralidade do trabalho na transformação humana e nas configurações do adoecimento. O avanço estaria em suplantarmos a expropriação da força de trabalho, por meio de lutas e embates, e abrir espaço para a emancipação humana.

Referências

- Alves, H. N. P., Vieira, D. L., Laranjeira, R. R., Vieira, J. E., & Martins, L. A. N. (2012). Perfil clínico e demográfico de anesthesiologistas usuários de álcool e outras drogas atendidos em um serviço pioneiro no Brasil. *Rev. Bras. Anesthesiologia*, 62(3), 360–364. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-70942012000300008>
- Amaral, R. A., & Malbergier, A. (2004). Avaliação de

- instrumento de detecção de problemas relacionados ao uso do álcool (CAGE) entre trabalhadores da Prefeitura do Câmpus da Universidade de São Paulo (USP) – Câmpus Capital. *Revista Brasileira de* 26(3), 156-163. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462004000300005>
- Antunes, R. (2015). *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez.
- Borges-Andrade, J. E., & Pagotto, C.P. (2010). O estado da arte da pesquisa brasileira em Psicologia do Trabalho e Organizacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(spe), 37-50. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000500004>
- Carrillo, L. P., & Mauro, M. Y. (2003). Uso e abuso de álcool e outras drogas: ações de promoção e prevenção no trabalho. *Revista de Enfermagem da UERJ*, (11)25-33. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v11n1/v11n1a04.pdf>
- Corrêa, C. L., Pedroso, R. C., Oliveira, S., & Cazenave, S. O. (1998). Aspectos relacionados aos programas de controle e prevenção do uso de álcool e drogas no local de trabalho. *Rev. de Ciênc. Médicas*, 7(3), 85-90. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/cienciasmedicas/article/view/1358/1332>
- Dimenstein, M., Lima, A. I. O., Figueiró, R. A., & Leite, J. F. (2017). Uso abusivo de álcool e outras drogas entre trabalhadores do sistema prisional. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 17(1), 62-70. doi: <http://dx.doi.org/10.17652/rpot/2017.1.12705>
- Jaffe, J. H. (1993). The concept of dependence: historical reflections. *Alcohol Health and Research Wolrd*, 17(3), 188-190.
- Félix Junior, I. J. F., Schindwein, V. de L. D. C., & Calheiros, P. R. V. (2016). A relação entre o uso de drogas e o trabalho: uma revisão de literatura PSI. *Psicologia Social*, 16(1), 104-122. Disponível em: <http://pesquisa.bvs.br/brasil/resolve/pt/psi-68833>. Acesso em: 31 Jul 2017
- Ferreira, M. L., & Sartes, L. M. (2015). Intervenções Realizadas no Ambiente de Trabalho para o Uso de Drogas: Revisão Sistemática. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(1), 96-110. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-3703001802013>
- Fontaine, A. (2006). *Double Vie: Les drogues et le travail* (pp.17-36). Paris: Les empêcheurs de penser en rond
- Fontes, F. F., Maia, A. B., Oliveira, A. F., Bulik, K. J., & Medeiros, C. P. (2010). Periódicos de Psicanálise avaliados pela Capes em 2009: um esforço inicial para mapear o campo. *Revista eletrônica do Núcleo Sephora*, 16(5). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/305730608_Periodico

[s de psicanalise avaliados pela CAPES em 2009 um esforco inicial para mapear o campo.](#)

- Halpern, E. E., Ferreira, S. M., & Silva Filho, J. F. (2008). Os efeitos das situações de trabalho na construção do alcoolismo de pacientes militares da marinha do Brasil. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 11(2), 273-286. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/sciel.o.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172008000200010&lng=pt&tlng=p . Acesso em: 31 Jul 2017
- Halpern, E. E., & Leite, L. M. (2012a). A farda "siri cozido" e a "branquinha": narrativas de vida de um paciente militar alcoolista. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 15(1), 65-80. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v15i1p65-80>
- Halpern, E. E., & Leite, L. M. (2012b). Representações de adoecimento e cura de pacientes do Centro de Dependência Química do Hospital Central da Marinha. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(4), 1079-1089. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000400029>
- Halpern, E. E., & Leite, L. M. (2013). Oportunidades de beber a bordo: características do labor naval. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 23(4), 1277-1296. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312013000400013>
- Halpern, E. E., & Leite, L. M. (2014). Etilismo na jornada laboral: peculiaridades da vida naval. *Saúde e Sociedade*, (23)1, 131-145. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902014000100010>
- Halpern, E. E., & Leite, L. M. (2015). Tradições e punições: A cachaça do marujo e o uísque do comandante. *Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, (8)2, 357-388. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/viewFile/7297/5876>
- Karam, H. (2003). O sujeito entre a alcoolização e a cidadania: perspectiva clínica do trabalho. *Revista de Psiquiatria*, 25(3), 468-474. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-81082003000300008>
- Lima, M. E. A. (2010). Dependência química e trabalho: uso funcional e disfuncional de drogas nos contextos laborais. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 35(122), 260-268. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0303-76572010000200008>
- Maranda, M. F. (2017). Trabalho e consumo de substâncias psicoativas: a experiência do Québec (L. Piva, Trad.). Em: Crespín, R., Lhuillier, D., Lutz, G. *Se doper pour travailler* (pp. 21-39). Toulouse: Editions érès. (Obra original publicada em 2017)
- Nascimento, E. C., Nascimento, E. & Silva, J. P. (2007). Uso de álcool e anfetaminas entre caminhoneiros de estrada. *Revista de Saúde Pública*, 41(2), 290-293. doi:

<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102007000200017>

Neves, D. P. (2004). Alcoolismo: acusação ou diagnóstico? *Cadernos de Saúde Pública*, 20(1), 7–36. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2004000100002>

Pio, D. P., Oliveira, L. P., Erani, F. B., Ferreira, P. S., Toffano, S. E., & Gir, E. (2012). Escores do AUDIT de profissionais de enfermagem acometidos por acidentes com material biológico. *Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro*, 2(1), 93–98. Disponível em: <http://pesquisa.bvsalud.org/sep/resource/pt/bde-24809>. Acesso em: 31 Jul. 2017

Ribeiro, C. V., & Léda, D. B. (2004). O Significado do Trabalho em Tempos de Reestruturação Produtiva. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 4(2), 76–83. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/v4n2/v4n2a06.pdf>. Acesso em: 31 Jul. 2017

Ronzani, T. M., Rodrigues, T. P., Batista, A. G., Lourenço, L. M., & Formigoni, M. L. (2007). Estratégias de rastreamento e intervenções breves para problemas relacionados ao abuso de álcool entre bombeiros. *Estudos de Psicologia - Natal*, 12(3), 285-290. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2007000300011>

Rossato, V. M., & Kirchof, A. L. (2004). O trabalho e o alcoolismo: estudo com trabalhadores. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57(3), 344-349. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034>

[-71672004000300018](http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102007000200017)

Rueda, F. J. (2009). Produção científica da Revista Brasileira de Orientação Profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(2), 129-139. ISSN 1984-7270. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902009000200013. Acesso em: 31 Jul. 2017

Webb, G., Shakeshaft, A., Sanson-Fisher, R., & Havard, A. (2009). A systematic review of workplace interventions for alcohol-related problems. *Addiction*, 104(3), 365–377. doi: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1360-0443.2008.02472.x>

World Health Organization. (2014). *Global status report on alcohol and health*. Luxemburgo: WHO. Disponível em: http://www.who.int/substance_abuse/publications/global_alcohol_report/en/. Acesso em: 31 Jul. 2017

Data de submissão: 10/10/2017
Data de aceite: 20/11/2017